

VOZES DO POVO

Estudo de Grupos Focais

Relatório Final

Miguel Carter, PhD

Financiado por



Implementado por



Pesquisa Realizada em Parceria com



Desenho da Pesquisa e Autor do Relatório: Miguel Carter, PhD

Coordenação do Trabalho de Campo: Carlos Cardoso, PhD

Investigadores: Daniel Cassamá e Abi Batu Culibali

Agradecimentos Especiais

Em Bissau: Aminata Fofana, Aminata Djaló e Mariana Semedo

Em Quinará: Lineker da Cunha, Domingos da Cunha e Almor Comba

Em Bafatá: Ibraima Darame e Abdulai Embaló

Em Oio: El Haj Bala Camará, Almor Comba e Carlitos Assau Tchimbé

Em Cacheu: Humberto Intchala

Tradução das Entrevistas para Português: Daniel Cassamá

Revisão das Entrevistas: Carlos Cardoso e Miguel Carter

Citação: Carter, Miguel. *Estudo de grupos focais*. Bissau: DEMOS, 2020.

Esclarecimento: O conteúdo deste estudo é da exclusiva responsabilidade do autor e não pode de forma alguma ser tomado como opinião da União Europeia.

Índice

Sumário Executivo	1
Introdução	3
A Pesquisa	4
<i>Questionário</i>	4
<i>Grupos Focais</i>	6
<i>Processamento de Dados</i>	8
Destaques	10
<i>Instabilidade Política</i>	10
<i>Deterioração Política</i>	13
<i>Pobreza Persistente</i>	17
<i>Percepção de Fracasso</i>	18
<i>Perspectiva das Mulheres</i>	19
<i>Convivência numa Sociedade Heterogênea</i>	21
<i>O Que Há de Bom na Guiné-Bissau?</i>	22
<i>Conclusão</i>	23
Fotografias	24
Anexos	
A. Questionário dos grupos focais	
B. Síntese das entrevistas de grupos focais por assunto temático	
C. Entrevistas de grupos focais por assunto temático	
D. Entrevistas de grupos focais por localidade (em português)	
E. Entrevistas de grupos focais por localidade (em crioulo)	

Sumário Executivo

O estudo de grupos focais teve como objetivo enriquecer as revelações produzidas no primeiro inquérito de opinião pública na Guiné-Bissau, *Vozes do Povo*, efetuado em 2018. As entrevistas de grupo foram realizadas em dez localidades distintas do país, junto dum segmento variado da população, entre 25 de outubro e 9 de novembro de 2019. A investigação foi fruto de uma parceria entre DEMOS e o Centro de Estudos Sociais Amílcar Cabral (CESAC). Esta pesquisa qualitativa permite contextualizar melhor e aprimorar o diagnóstico da vida social e política da Guiné-Bissau, de modo a desenhar e implementar estratégias mais afinadas, efetivas e criativas no âmbito do desenvolvimento e da promoção da democracia.

A preparação do estudo incluiu três passos: a elaboração de um questionário, a realização das entrevistas em grupo, e o processamento da informação recolhida.

O questionário dos grupos focais procurou entabular uma conversa aberta sobre os principais resultados da sondagem *Vozes do Povo*. As perguntas formuladas giraram em torno de seis eixos temáticos: (1) a visão geral o país; (2) a sociedade guineense, as percepções de confiança e injustiça social, e a convivência com a diversidade étnica e religiosa do país; (3) a participação política e igualdade de direitos das mulheres; (4) o sentimento de abandono pelo Estado e avaliação dos governantes; (5) o comportamento das elites políticas; e (6) a apreciação positiva da Guiné-Bissau. Também foram abordadas perguntas com relação as mudanças climáticas e a tolerância com os homossexuais.

Com o objetivo de ouvir um amplo espectro da sociedade guineense, a pesquisa estabeleceu critérios geográficos e demográficos para a organização dos grupos focais. No plano geográfico, priorizaram-se três contextos distintos: (a) Bissau, a capital e principal centro urbano do país; (b) três cidades do interior; e (c) quatro comunidades rurais. A realização de encontros em diversos pontos do país, permitiu dialogar com pessoas de tradições religiosas e identidades étnicas distintas. Oito grupos focais foram de gênero misto e dois só com mulheres. Num grupo focal deu-se prioridade à participação de jovens. Foram entrevistadas um total de 89 pessoas, sendo 42 homens e 49 mulheres, com uma idade média de 39 anos, e registadas 16 horas e 15 minutos de conversa. O CESAC coordenou o trabalho de campo, a transcrição e a tradução ao português das entrevistas realizadas em crioulo, fula e mandinga. Todas as conversas foram codificadas para manter a anonimidade dos participantes.

O processamento das entrevistas gerou duas transcrições por localidade, uma em crioulo e outra em português. A partir do material em português, fez-se uma transcrição organizada por temas, seguindo o esquema do questionário. Logo depois, preparou-se uma síntese da transcrição temática para facilitar a leitura e o uso da pesquisa. Toda esta informação está incluída nos anexos deste relatório.

A principal preocupação detectada nos grupos focais girou em torno da instabilidade crônica e degradação política da Guiné-Bissau. É isto, na visão dos participantes, que torna o Estado incapaz de promover o desenvolvimento do país. O conjunto variado de vozes capta esta angústia em suas

diversas manifestações. Por outro lado, ele demonstra a capacidade de deliberação dos entrevistados, independentemente do seu nível de instrução, e, no geral, um interesse em discutir os rumos do país.

No olhar dos participantes da pesquisa, as disputas políticas fomentam a desconfiança e divisões na sociedade, e podem levar à violência. Elas exacerbam os problemas de corrupção, impunidade e a desigualdade, sobretudo no que diz respeito à lei. Tudo isto gera uma sensação de impotência, ressentimento e resignação. A deterioração da vida política do país depois da independência trouxe muita decepção. Há preocupação com a falta de adesão às normas do jogo democrático e de prestação de contas, e os problemas de desenho institucional. As admissões em torno da necessidade de promover uma cultura cívica e o medo de participar em atos de protesto, conspiram contra o pleno engajamento democrático. Em meio a uma extensa pobreza, o sofrimento do povo e a sensação de abandono pelo Estado promovem a indignação. Tudo isto cria uma sensação de fracasso com relação ao projeto de nação.

Contudo, há uma percepção de mudança quanto ao protagonismo das mulheres na Guiné-Bissau, num esforço por superar um conjunto de limitações históricas. O país também tem demonstrado uma capacidade de coexistência pacífica no meio da heterogeneidade étnica e religiosa. A tolerância com relação aos homossexuais, porém, é substancialmente menor. No reconhecimento do que há de bom na Guiné-Bissau, os participantes destacaram as riquezas naturais do país e, de modo especial, as virtudes do povo guineense. No meio rural, algumas mulheres ressaltaram os benefícios do avanço da tecnologia moderna, como a telefonia celular e os painéis solares.

O estudo de grupos focais permite destacar várias observações sobre a Guiné-Bissau. Há uma lição, porém, que nos parece primordial: a urgência de cuidar da política guineense. A pacificação política, através da recuperação do diálogo e a adoção de normas de coexistência democrática é fundamental para o desenvolvimento do país. É imperioso desenhar estratégias criativas – de curto, médio e longo prazos – orientadas para a melhoria da qualidade da sociedade política guineense, seus partidos, movimentos, líderes e quadros ativos. Isto sugere a necessidade de apoiar a formação cívica e o engajamento popular na vida pública. A pesquisa nos revelou-nos que há, em tudo isto, um grande potencial de trabalho com as mulheres.

A resolução do impasse político na Guiné-Bissau, e sua instabilidade crônica, é e será fundamental para o futuro desta nação.

Introdução

O estudo de grupos focais teve como objetivo complementar e enriquecer as informações produzidas na primeira sondagem de opinião pública na Guiné-Bissau, *Vozes do Povo*, efetuada em 2018. As entrevistas de grupo foram realizadas em dez localidades distintas do país, junto dum segmento variado da população, entre 25 de outubro e 9 de novembro de 2019. A investigação foi fruto de uma parceria entre DEMOS e o Centro de Estudos Sociais Amílcar Cabral (CESAC).

O grupo focal é uma metodologia de pesquisa qualitativa, utilizada nas ciências sociais há várias décadas. Ela envolve uma série de entrevistas organizadas em pequenos coletivos, normalmente entre cinco e dez pessoas. Em cada entrevista, um investigador ajuda a moderar o encontro e promover a conversa entre os participantes com base num questionário pré-elaborado.

Como técnica de investigação, o grupo focal estimula a dinâmica social que ocorre na vida real. No decorrer do intercambio, os participantes vão formulando ou refinando seus pontos de vista. Ao promover a troca de ideias, percepções e sentimentos, as pessoas têm a possibilidade de explicar a sua opinião. Desta forma, a metodologia pode empoderar os participantes, ao facilitar um espaço aberto para a deliberação e dar prioridade à perspectiva dos interlocutores.¹

Nesta pesquisa, o conteúdo do intercambio nos grupos focais centrou-se nos principais resultados da sondagem *Vozes do Povo* de 2018. O diálogo produzido com diversos segmentos da população guineenses foi transcrito e organizado por assunto. Estas informações permitem enriquecer a análise científica da vida social e política de Guiné-Bissau, ao:

- Contextualizar melhor e aprimorar as revelações produzidas no inquérito de 2018.
- Descobrir nuances, detectar complexidades e revelar mecanismos causais por trás dos dados estatísticos.
- Produzir frases que possam ilustrar descobertas gerais.

O conhecimento gerado através dos grupos focais permite aprofundar a reflexão sobre a realidade guineense. Isto importa para o desenho e a implementação de estratégias de desenvolvimento e da promoção da democracia. Pois um bom diagnóstico pode tornar estas atividades mais afinadas, sólidas, efetivas e criativas.

A seguir, o relatório apresenta os componentes básicos da pesquisa: a investigação realizada e uma breve síntese dos principais destaques produzidos, organizado por assunto.

¹ Sobre esta técnica de pesquisa, ver Jennifer Cyr (2019). *Focus Groups for the Social Science Researcher*. Cambridge, UK: Cambridge University Press; e Richard A. Krueger e Mary Anne Casey (2009). *Focus Groups: A Practical Guide for Applied Research*, 4th edition. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

A Pesquisa

Para produzir o estudo de grupos focais, tomaram-se três passos essenciais, a saber:

1. A preparação de um questionário com base numa reavaliação dos resultados do inquérito de opinião pública de 2018.
2. A realização de grupos focais em dez comunidades distintas da Guiné-Bissau, com a ideia de ouvir um conjunto de vozes que captassem a heterogeneidade social do país.
3. O processamento da informação recolhida nos grupos focais.

A seguir, passamos em revista os passos adotados.

Questionário

O questionário dos grupos focais foi desenhado para estimular uma conversa no meio popular sobre os principais resultados da sondagem *Vozes do Povo*. Após um estudo das conclusões deste inquérito, foi preparada uma série de perguntas abertas, susceptíveis a múltiplas respostas e conducentes a uma discussão construtiva sobre a sociedade e a política na Guiné-Bissau. A elaboração do questionário ficou sob a responsabilidade de Miguel Carter. Um resumo das perguntas, organizadas em torno de seis grandes eixos temáticos, e um eixo com perguntas suplementares, pode ser conferido a seguir:

1. A Situação da Guiné-Bissau

- Há um grande **descontentamento com o rumo do país**. O que está errado na Guiné?
- A maioria dos guineenses **acha que a economia vai melhorar**. Acham que o país está indo na direção errada, mas que o futuro será melhor. Por quê? (*Pergunta utilizada só na primeira entrevista*).

2. A Sociedade Guineense

- Na Guiné há **pouca confiança social**, mas entre familiares e vizinhos ela é muito alta. Por que se desconfia das pessoas fora do círculo mais íntimo e pessoal?
- A maioria dos guineenses gosta da **igualdade social**, no que diz respeito à lei e ao tratamento das pessoas, incluindo as mulheres. Mas há uma percepção de grande injustiça social. Por quê?
- A identidade guineense é forte, mas há **múltiplas identidades étnicas** na Guiné. Como é que o povo convive com isto?
- Em outros países da África, há **conflitos que envolvem diferenças religiosas ou étnicas**. Há risco disto na Guiné?

3. Relações de Gênero

- Entre as pessoas que gostam de **falar e participar na política** há mais homens que mulheres. Por quê?
- A maioria dos guineenses acha que as **mulheres devem ter direitos iguais** aos homens. Isto é um fenómeno novo no país?

4. O Estado

- Grande parte da população **sente-se abandonada pelo Estado**. Por quê?
- O povo, no geral, mostrou-se muito **crítico em relação a atuação do governo**. Mas deu uma alta aprovação à atuação do presidente e do primeiro ministros. Por quê?
- Muitas pessoas dão um *“suco de bas”* ao lidar com os servidores públicos. Ao mesmo tempo, a grande maioria pensa que o país é governado por grupos poderosos em benefício próprio, e não o do povo. Entre os dois – **a pequena e grande corrupção** - qual é pior para a Guiné? Por quê? *(Pergunta utilizada só nas primeiras entrevistas)*.

5. A Política e os Políticos

- O povo critica as **lideranças políticas por não obedecer às leis e priorizar seus interesses pessoais**. Há sinais de resignação popular diante deste tipo de comportamento. Por quê?
- Entre os possíveis conflitos violentos na Guiné, o que mais preocupa o povo são as **lutas e instabilidade política**. Por quê?

6. Apreciação Positiva

- **O que há de bom na Guiné?** Que coisas funcionam bem neste país?

7. Outros Assuntos

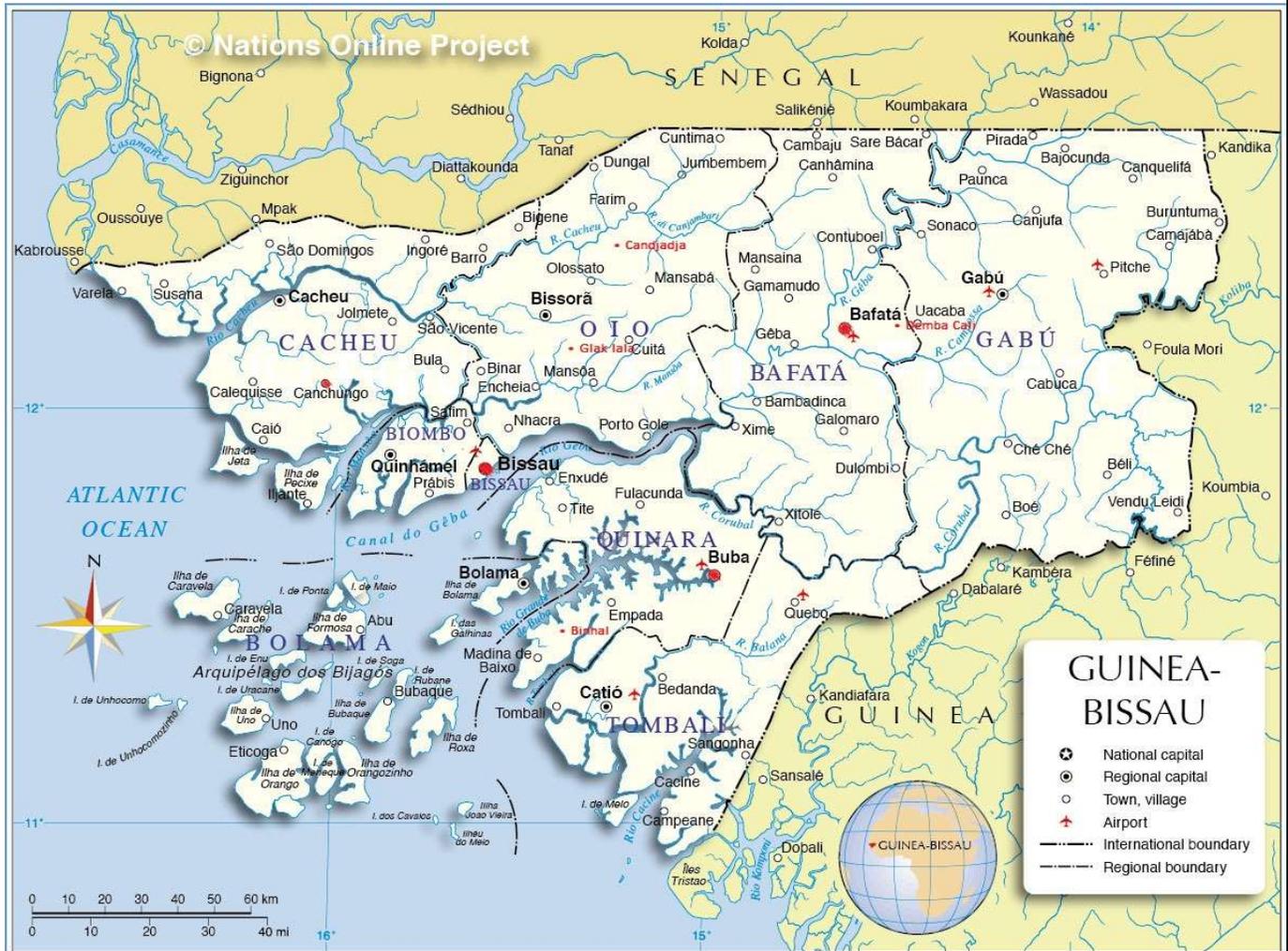
- Na Guiné há muita tolerância com a diversidade religiosa e étnica que existe no país. Mas há **menos tolerância com os homossexuais**. Por quê? *(Pergunta feita só duas vezes, na comunidade rural de Binhal, em Quinará, e no bairro de Antula, em Bissau)*.
- Está a falar-se bastante sobre **as mudanças climáticas**. Vocês percebem isso aqui?

Algumas perguntas foram utilizadas só no início da pesquisa. Outras foram discutidas em comunidades selecionadas. Na experiência concreta dos grupos focais, algumas perguntas receberam mais atenção do que outras. Contudo, todos os grupos tiveram a oportunidade de discutir os mesmos eixos temáticos abordados no questionário.

Grupos Focais

Com o objetivo de ouvir um amplo espectro de vozes da sociedade guineense, a pesquisa estabeleceu critérios geográficos e demográficos para a organização dos grupos focais. No plano geográfico, priorizaram-se três contextos distintos: (a) Bissau, a capital e principal centro urbano do país; (b) três cidades do interior; e (c) quatro comunidades rurais.

Em Bissau, escolheram-se bairros diferenciados: um na praça ou centro da cidade, outro a meia distância do centro (o bairro de Sintra), e uma zona mais periférica (Antula Pabidjar). As três cidades do interior, por sua vez, são de regiões distintas: Buba, a capital de Quinará, no Sul; Bafatá, a segunda maior cidade do país e capital da região de Bafatá, no Leste; e Canchungo, a cidade mais habitada na região de Cacheu, no Norte. Quanto as quatro localidades rurais, priorizaram-se comunidades de diversas origens étnicas, em áreas distintas do país: Binhal, no Sul; Demba Cali, no Leste, e Candjadja e Glak lala, no Norte do país. Todos estes pontos geográficos estão sinalizados em vermelho neste mapa de Guiné-Bissau.



Como critério demográfico, procurou-se manter um relativo equilíbrio de gênero no conjunto total de pessoas entrevistadas. Oito grupos focais foram de gênero misto. Cientes, porém, da tendência de ter uma maior participação masculina neste tipo de atividades, organizamos dois grupos só com mulheres, uma delas numa comunidade rural e a outra num bairro de Bissau. Além disso, demos prioridade à participação de jovens, de ambos os sexos, num grupo focal em Bissau.

Em total foram entrevistadas 89 pessoas, sendo 42 homens e 49 mulheres. A idade média dos participantes foi de 39 anos. A realização de encontros em diversos pontos do país, permitiu-nos dialogar com pessoas de tradições religiosas e identidades étnicas distintas.

O CESAC teve a seu cargo a coordenação do trabalho de campo, sob a direção de Carlos Cardoso. Foram articulados um elenco de contatos locais que ajudaram a preparar cada reunião, em colaboração com lideranças comunitárias. O CESAC também organizou a equipa de três investigadores responsáveis pela moderação dos dez grupos focais, liderados por Carlos Cardoso, Daniel Cassamá e Abi Batu Culibali. Miguel Carter acompanhou e apoiou o trabalho de campo nos primeiros seis grupos focais.

Em oito grupos focais a entrevista deu-se em crioulo. Na tabanca de Demba Cali, o diálogo foi feito em fula. Na tabanca de Candjadja, os entrevistados conversaram em mandinga, com tradução quase simultânea feita por referentes comunitários.

Houve variações significativas quanto à duração das entrevistas. A menor levou menos de uma hora, e a maior durou duas horas e 30 minutos. A média das dez entrevistas foi de 1:37 horas. Ao todo, foram registradas 16 horas e 15 minutos de conversa. Mais detalhes sobre o local das entrevistas e os participantes podem ser apreciados nos seguintes dois quadros.

Pesquisa de Grupos Focais - Vozes do Povo - Guiné-Bissau								
Local e Detalhes da Entrevista								
Localidade	Setor	Área	Morada	Região	Grande Região	Data da Entrevista	Tempo da Entrevista	Moderação
							<i>Minutos</i>	
Buba	Buba	Urbana	Cidade do Interior	Quínara	Sul	25/10/2019	71	Carlos Cardoso
Binhal	Empada	Rural	Tabanca	Quinara	Sul	25/10/2019	60	Carlos Cardoso
Bafatá	Bafatá	Urbana	Cidade do Interior	Bafatá	Leste	26/10/2019	150	Carlos Cardoso
Demba Cali	Bafatá	Rural	Tabanca	Bafatá	Leste	26/10/2020	87	Abi Batu Culibali
Praça Bissau	Bissau	Urbana	Capital	Bissau	Centro	27/10/2019	110	Daniel Cassamá
Antula (Pabidjar)	Bissau	Urbana	Capital	Bissau	Centro	27/10/2019	96	Daniel Cassamá
Candjadja	Mansabá	Rural	Tabanca	Oio	Norte	28/10/2019	137	Daniel Cassamá
Canchungo	Canchungo	Urbana	Cidade do Interior	Cacheu	Norte	2/11/2019	106	Abi Batu Culibali
Glak lala	Mansoa	Rural	Tabanca	Oio	Norte	9/11/2019	102	Carlos Cardoso
Sintra	Bissau	Urbana	Capital	Bissau	Centro	9/12/2019	50	Abi Batu Culibali

Pesquisa de Grupos Focais - Vozes do Povo - Guiné-Bissau									
Participantes da Entrevista									
Localidade	Setor	Número de Pessoas			Idade Média de Cada Grupo Focal			Principal Identidade Étnica	Lingua da Entrevista
		Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres		
Buba	Buba	10	4	6	46	56	39	Biafada	Crioulo
Binhal	Empada	10	6	4	41	36	48	Biafada	Crioulo
Bafatá	Bafatá	9	7	2	43	43	41	Fula	Crioulo
Demba Cali	Bafatá	8	0	8	36	*	36	Fula	Fula
Praça Bissau	Bissau	9	4	5	25	26	24	Mista	Crioulo
Antula (Pabidjar)	Bissau	9	5	4	35	38	32	Papel	Crioulo
Candjadja	Mansabá	10	7	3	46	50	37	Mandinga	Mandinga e Crioulo
Pendingolo	Canchungo	8	4	4	33	40	27	Manjaco	Crioulo
Clak lala	Mansoa	10	5	5	44	52	32	Balanta	Crioulo
Sintra	Bissau	6	0	6	40	*	40	Mista	Crioulo
Total e Média		89	42	47	39	43	36		

Os grupos focais tiveram, no geral, uma dinâmica positiva e de boa aceitação entre os participantes. Vários elogiaram a atividade e gostaram da oportunidade de falar sobre os rumos do seu país. Nos encontros de gênero misto, os homens eram mais propensos a falar do que as mulheres. O moderador, em algumas situações, teve que incentivar a fala das mulheres e dirigir perguntas a elas. Nos grupos com gerações mistas, percebeu-se uma participação mais expressiva de pessoas com maior maturidade, sobretudo os homens com mais de 50 anos.

Todos os grupos focais foram gravados em áudio. Nenhum dos participantes manifestou algum reparo ao respeito. Em todos os encontros, o teor da conversa foi bastante aberto e franco.

Processamento de Dados

Os áudios gravados em cada grupo focal foram transcritos em crioulo pelos investigadores do CESAC, Daniel Cassamá y Abi Batu Culibali. No entanto, a entrevista realizada no bairro de Antula, em Bissau, foi transcrita e traduzida diretamente ao português. Além disso, o grupo focal com as mulheres da tabanca Demba Cali, foi transcrito e traduzido do fula ao crioulo por Culibali e Saico Baldé, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP).

As transcrições dos grupos focais foram revisadas e logo codificadas para manter a anonimidade das pessoas. Criou-se um código para identificar cada pessoa entrevistada com base no nome dado ao local do encontro, seu gênero e idade.

Os códigos para cada local de entrevista são, em Bissau: Praça (Pr), Antula (An), Sintra (Si); nas cidades do interior: Buba (Bu), Bafatá (Ba), Canchungo (Ci); nas comunidades rurais: Binhal (Bi),

Demba Cali (Dc), Candjadja (Ca) e Glak lala (Gi). O sexo do entrevistado é: homem (H) ou mulher (M). Para a idade utilizou-se o número de anos que a pessoa declarou ter, antes de começar o grupo focal.

Desta forma, o homem de 64 anos entrevistado em Buba tem o código: Bu-H64. No caso de ter mais de uma pessoa com o mesmo gênero e idade, acrescentou-se um “a, b, c” no final do código. Assim, a terceira mulher de 24 anos que participou do grupo focal na Praça de Bissau é identificada como: Pr-M24c.

Todas as entrevistas foram traduzidas para português por Daniel Cassamá e revisadas por Carlos Cardoso e Miguel Carter. Isto permitiu contar com duas versões de cada grupo focal, uma em português e outra em crioulo, ambas incorporadas neste relatório como Anexos D e E, respectivamente.

Em seguida, Carter reuniu todas as respostas dadas a cada pergunta do questionário e criou uma transcrição das entrevistas por assunto temático, organizado em torno a sete eixos: (1) A situação da Guiné-Bissau, (2) A sociedade guineense, (3) Relações de gênero, (4) O Estado, (5) A política e os políticos, (6) Apreciação positiva do país, e (7) Outros assuntos. O resultado deste trabalho constitui o Anexo C deste informe.

Como última atividade, Carter preparou uma síntese das entrevistas por assunto temático, incluída no Anexo B deste relatório. Esta sinopse torna a informação produzida nos grupos focais mais acessível para os usuários, em especial, os pesquisadores, agentes da cooperação internacional, e os responsáveis pelo desenho e a promoção de políticas públicas. Com isto espera-se dar um proveito maior ao estudo e facilitar a continuidade no processamento dos dados colhidos.

Destaques

A principal preocupação detectada nos grupos focais girou em torno da instabilidade crônica e degradação política da Guiné-Bissau. É isto, na visão dos participantes, que torna o Estado incapaz de promover o desenvolvimento do país. As múltiplas horas de entrevista junto de vários segmentos da população dão conta desta angústia, em suas diversas manifestações. Elas reforçam as informações produzidas através da sondagem *Vozes do Povo*, e contribuem com elementos para um melhor diagnóstico qualitativo.

As breves reflexões apresentadas aqui, por meio de um *collage* de vozes, revelam os principais traços da política guineense, as causas da sua instabilidade, e seu impacto nas carências da população e na percepção de fracasso da nação. Também são avaliados os desafios e as mudanças na participação pública das mulheres. O apanhado de vozes conclui com uma revisão da convivência social na Guiné-Bissau e os atributos positivos do país.

Há três observações feitas em todos os grupos focais que merecem ser sublinhadas. A primeira é a ampla capacidade de deliberação presente em todas as entrevistas, mesmo entre as pessoas com pouca ou nenhuma instrução formal. Os participantes deram as suas opiniões, formularam os seus argumentos e transmitiram as suas ideias sem grandes dificuldades. No geral, percebeu-se também um interesse em conversar sobre a situação do país. Notou-se igualmente que muitos participantes falaram com facilidade sobre acontecimentos em outras partes do mundo, de modo especial no continente africano. Esses elementos de reflexão popular sobre a inserção regional e global da Guiné-Bissau merecem consideração.

Instabilidade Política

A política gera uma instabilidade recorrente e pode levar à violência.

O mais grave conflito que poderemos vir a ter é o conflito político. O nosso maior medo é das armas, porque no dia que as armas começarem a cantar, vai morrer muita gente. Por causa dos políticos, podemos ter um novo 7 de junho. (*Pr-M24c*).²

Realmente o conflito entre os políticos é mais preocupante, porque é um conflito que nos leva a um conflito maior, onde as armas são usadas. Temos o exemplo da guerra de 7 de junho. Não queremos que se repita. (*Si-M33a*).

A instabilidade pode trazer um banho de sangue. Os nossos políticos não estão preparados para fazer política. Acham que a política é para chegar ao governo e roubar tudo aquilo que é do povo. Outros lutam para chegarem ao governo e isso provoca instabilidade. (*Ci-H46*).

² O código regista a pessoa que fez o comentário, seguindo os critérios descritivos estabelecidos na seção anterior. Algumas citas oferecidas aqui foram editadas por motivos de clareza e concisão.

É evidente que são os nossos políticos que criam problemas. Nós relacionamo-nos bem uns com os outros, mas os políticos conseguem dividir-nos. Os políticos são o foco da instabilidade na Guiné-Bissau. (An-H26).

A instabilidade criada pelo conflito de liderança política pode criar situações muito violentas. Nos últimos anos da instabilidade, se não tivéssemos as tropas da ECOMIB no país, não estaríamos aqui a falar disto e aquilo. Todos sabem como é formada a nossa força de defesa. Por isso acho que temos essa ameaça no país. (Ci-H32).

Pode voltar a acontecer um conflito político e será por causa das drogas. Dizem que prenderam uma tonelada de drogas, aliás duas toneladas. É isso que traz problema entre os políticos. É isso que cria conflito político-militar. Deus nos livre disso. O conflito entre os políticos é que provoca guerra. (Gi-H65).

As disputas políticas fomentam desconfiança e divisões na sociedade.

A nossa luta pela independência foi duma tremenda confiança. Mas os políticos criaram a divisão e desconfiança entre os guineenses. A política e os políticos estão a dividir-nos. A desconfiança está a crescer entre nós. (An-H42).

Os Guineense são um povo muito unido, mas a instabilidade política tem-nos afastado e está a criar divisão étnica. (Pr-M24c).

A convivência étnica é extraordinária na Guiné. Podemos ver uma Balanta a casar com Fula, um Fula a casar com Mandinga, um Mandinga a casar com um Bijagó. A relação é muito boa, mas os nossos políticos e governantes têm fomentado o tribalismo. (An-H26).

Aqui na Guiné-Bissau, somos todos irmãos. Posso dizer que a união começou durante a luta de libertação, quando nos acostumamos a interagir com a cultura do outro. Mas isso tem diminuído. É por causa da política. As pessoas passaram a valorizar mais a etnia. Politicamente as pessoas estão divididas. Já não promovem a nossa guinendade. Antes exibíamos a nossa guinendade, mas agora exibimos a nossa etnia. (Si-M33c).

Não temos problema religioso, mas se continuarmos a escutar os nossos políticos teremos problemas. A próxima geração pode vir a conviver com conflitos religiosos. (An-M37).

A política é um meio de enriquecimento pessoal e fonte de corrupção.

Os políticos só pensam nos seus bolsos, nos seus filhos, e mulheres. Eles não pensam em nós. Estamos a lutar dia e noite, mas eles não fazem nada para o povo. (Bi-M35).

Existem pessoas que têm dificuldade para pagar a renda de casa. Mas quando começam a trabalhar como secretários de Estado ou ministros, três meses depois já começam grandes obras, e ficam a imaginar em que banco têm guardado o dinheiro. *(Ci-H32)*.

É gozo, temos mais de 40 partidos com um único objetivo: enriquecer a si mesmos e as suas famílias. *(Pr-H23)*.

O Senegal pediu tratores ao rei do Marrocos, e nós pedimos carros para deputados. Isso demonstra que não pensam no povo. Os nossos governantes só pensam nas suas barrigas. Só pensam neles e nos filhos. *(Ca-H73)*.

A ineficácia da Justiça e a impunidade exacerbam a corrupção e a desigualdade.

Dizemos que não existe justiça na Guiné, porque vês um ladrão de galinha e telemóvel a ser levado à Justiça, enquanto os grandes ladrões estão no poder. *(Pr-M30)*.

Existem aqueles que estão debaixo da lei, assim como existem aqueles que estão acima da lei na Guiné, porque falta a verdade. *(Ca-H73)*.

A lei favorece aqueles que estão num patamar acima do nosso. *(Si-M33c)*.

Existe injustiça por causa dos mais ricos. Se você for a Justiça com um rico, ele ganha. O pobre não pode ganhar na Justiça. *(Gi-H67)*.

Quando tens dinheiro, consegues ir junto às autoridades comprar a sua inocência. Quando o Estado é subornado, eles batem na pessoa que tinha razão, só por não ter dinheiro. *(Dc-M51)*.

Existe lei na Guiné-Bissau, mas não gostamos de segui-la. Aqui, se conheces alguém na polícia, nunca serás preso. *(Ca-H34)*.

Temos uma Justiça lenta, morosa e custosa. A própria população não compreende como funciona a Justiça guineense. Acham que a Justiça é feita na polícia. Vês um policial fardado e mal preparado. Não recebe um bom salário. Esta pessoa pode ser facilmente corrompida. *(Ba-H55)*.

O problema é a impunidade. As más práticas passam a ser vistas como algo normal, e a própria população passou a admirar aqueles que se enriquecem à custa do Estado. A Justiça não funciona na Guiné. *(An-H33)*.

O pior é a pessoa de gravata, porque ele está a naufragar o país. Aqui na Guiné quando a pessoa rouba, muitos dizem que é sortudo. Foi lá e num mês construiu uma casa. Isso não é sorte, é furto. Mas se você roubar uma cabra, todos vão saber que és ladrão, e serás condenado mais do que aquele que está a fazer coisas piores. *(Ba-H32)*.

O desgaste político gera uma sensação de impotência, ressentimento e resignação.

Se uma pessoa mora numa tabanca, onde só tem arroz, sem peixes e outros ingredientes, vai se acostumar a comer somente arroz. É por isso que as pessoas dizem que já estamos acostumados com os desmandos dos políticos. Os votos já não resolvem nada. Temos que nos conformar, pois não temos outra saída. (Pr-H30).

Enquanto a população não se manifestar, não vai acontecer nada, vamos continuar na mesma. Não beneficiamos de nada porque as pessoas não protestam, elas se conformam. (Bu-H35).

Não estamos conformados. Quando não podes fazer nada, é melhor não colecionar problemas, e às vezes é melhor ficar calado. Podemos ir à radio reclamar. Eles escutam, mas não resolvem nada. Não vemos resultado da nossa reclamação. Por isso é melhor nos calarmos. (Si-M33a).

Estamos calados, mas não é porque estamos conformados com a situação. Podemos gritar nas rádios. Quando é que a conversa do pobre é tomada em consideração neste mundo? É por isso que estamos resignados, não temos ninguém para nos ajudar. (Si-M43).

O povo não se conforma, mas já está cansado. Já não se importa com os políticos, porque a população da Guiné-Bissau não depende do governo. O povo não está conformado. Não há o que fazer, porque quando o povo se organiza para as manifestações, eles colocam a polícia nas ruas para espancar as pessoas. Vai chegar o momento em que ninguém vai votar. Não estamos conformados, só decidimos desprezá-los. (Ci-H46).

Em todos os lugares que escutar, os guineenses estão a dizer que não há o que fazer. É porque estão cansados. Se existisse uma saída, não diríamos que estamos cansados. Conquistamos a independência, mas ainda não somos livres. (Ca-H73).

Deterioração Política

A degradação política depois da luta pela independência trouxe muita decepção.

O que complicou o país até hoje é o golpe de Estado no dia 14 de novembro de 1980. Depois veio a guerra de 7 de junho de 1998, que destruiu o país por completo. Hoje ninguém é alguém à frente de ninguém. Perdeu-se o respeito. A cultura de “matchundade” arrebitou com o país completamente. (An-H51).

Quando estávamos na luta éramos todos guineenses. Unimo-nos para libertar o país. Mas depois durante o mandato, uma etnia, aquela ali, depois aquele outro, e pronto! (Gi-H67).

Sacrificamo-nos pelo futuro, mas às vezes o futuro não nos traz boa coisa. Eu vivi a época colonial. Naquela época não tinha greve. Mas por que que temos greves atualmente? (Gi-H65).

Temos que respeitar a nossa constituição. Toda a hora a Guiné está com problemas. Antes diziam que a Guiné-Bissau é um país pequeno, mas com uma fama grande. Antes era um país limpo e hoje é sujo. Continua a ser um país pequeno, mas é sujo e cheio de problemas. *(Ci-H46)*.

Há problemas com o desenho institucional do país.

A nossa constituição apresenta uma insuficiência e grandes lacunas. Ao longo da história política da Guiné nunca houve uma relação saudável entre a figura do presidente e do primeiro-ministro. A causa dessa disputa é o sistema político do país. *(An-H26)*.

Devemos alterar a forma de escolher os governantes. Aqui votamos para escolher um presidente e para escolher um primeiro-ministro, mas dois galos não podem cantar numa capoeira. Devemos votar num presidente, e ele pode escolher o seu primeiro-ministro, assim conseguirão organizar-se melhor. Acho que existe falha na lei. *(Bu-H49)*.

Os guineenses sentem-se abandonados porque não existe uma descentralização. Muitas coisas estão centralizadas em Bissau. Temos a mentalidade de que a Guiné-Bissau é só Bissau. *(Ci-M21)*.

É necessário a descentralização. Tudo que tem a ver com a Guiné-Bissau está concentrado em Bissau. *(Pr-H23)*.

Tem que haver a revisão da Constituição. A pessoa nomeada para ser ministro, tem que fazer a declaração dos bens que possui, antes de entrar e depois de sair. As pessoas são nomeadas e em dois ou três meses já começam a construir um prédio. Qual é a origem do dinheiro? O presidente da República tem que fazer a mesma prestação de contas. *(Bu-H49)*.

As normas do jogo democrático e da prestação de contas não são respeitadas.

O direito do povo nunca é respeitado. A eleição foi realizada, um partido foi vencedor. Indicou uma pessoa para ser o primeiro-ministro, mas recusaram nomeá-lo, e deu no que deu. Será que devemos continuar a realizar eleições? *(Ci-H46)*.

Desde que entramos na democracia na Guiné-Bissau, os governos não chegam ao final do mandato. Quem ganha as eleições deve mandar até ao fim para podermos saber se é bom ou não. Mas mal começam, são logo derrubados. Dizemos que nos abandonaram, mas é o derrube constante do governo que nos coloca nesta situação. *(Ca-H37)*.

Aqui só temos chefes, não temos líderes porque são pessoas que dão ordens. Sempre falam na primeira pessoa, e só se preocupam com eles mesmos. *(Ba-M48)*.

Os líderes priorizam seus interesses pessoais porque o princípio de prestação de contas não funciona na Guiné. Não prestam conta nem do dinheiro que recebem para a campanha. Os guineenses conformam-se com tudo. Isso faz com que os políticos continuem a mentir para a

população e não cumprem com os programas. A taxa de analfabetismo é muito alta no nosso país. As pessoas não compreendem o que é a política. Acham que bom político é aquele que traz camisolas, baldes, chapéu, caçarola, e outras coisas. (Ba-H55).

Os conflitos que temos acontecem por duas razões: económicas e de ambição do poder. Há altos oficiais e outras pessoas influentes que estão bem neste momento, mas se o país acalmar não vão conseguir exercer algumas atividades que estão a exercer na atualidade. Por isso é que arranjam um jeito de criar a instabilidade, porque no momento de conflito, é possível todo o tipo de violação. (Ba-H55).

Falta formação e cultura cívica para a plena participação democrática.

O desenvolvimento de um país não depende só dos governantes. Os cidadãos têm as suas responsabilidades. Nós os guineenses, temos uma auto estima muito baixa. Estamos sempre a reclamar que a situação não anda bem. Conformamo-nos com a situação. Mas o que já fizemos para resolver a situação? Ficamos parados a reclamar sobre os governantes. (Ci-M21).

O povo acha que o Estado é só os políticos que estão no poder, não sabem que todos nós somos o Estado. Não sabemos preservar aquilo que é nosso. Não contribuimos para ajudar o Estado em nada. Roubam os painéis solares que colocaram nas ruas [de Bissau]. A população não ajuda na vigia. Cada um pensa somente em si, não pensa como parte do Estado. (Pr-H23).

As pessoas querem ver os seus direitos respeitados, mas 90% da população da Guiné não cumpre com as suas obrigações enquanto cidadãos. Na Guiné ninguém paga impostos, salvo os comerciantes, e mesmo assim a maioria não paga legalmente. Todos fogem ao fisco. Dizem que se sentem abandonados pelo Estado, mas se perguntares o que fazem, nada. Não fazem nada para depois poderem dizer que esta casa é nossa. (Ba-H55).

Há falta de conhecimento. Muitas pessoas não sabem o que fazem os governantes. Ainda mais, temos uma sociedade desorganizada. O povo nem sabe o que significa sociedade civil. (An-H51).

Falta-nos consciência, e somos extremamente passivos na busca de informações que podem melhorar as nossas vidas. (Ci-H35).

Muitas das vezes na Guiné-Bissau, as pessoas não sabem em quem votam. (Ba-H32).

Os políticos enganaram tanto a população e agora é a população que está a enganar os políticos. Se fores a uma tabanca com a finalidade de fazer política, já te pedem isso e aquilo. Essa é a atual política. Todos andam desconfiados. Os políticos já não confiam na população e a população não confia nos políticos. (Ba-H55).

Achas que o nosso Estado é mau? É bom, o nosso problema é a pobreza. É isso que nos dificulta aqui na Guiné, existe muita pobreza. É nesse momento que os políticos andam de um lado para outro. É a época deles. Então cada um sai à procura de alguma coisa. Faz o que é possível para

conseguir algum dinheiro para colocar no bolso. É isso que faz a Guiné balançar, os políticos é que nos cansam. (Bi-H55).

Aqui na Guiné a pessoa defende algo quando está a ganhar alguma coisa. Se não estiver a ganhar nada, logo vai dizer que aquilo não presta para nada. Alguns falam sem conhecimento. (Si-M33b).

Às vezes a população é que está a enganar os políticos. Uma pessoa pode dizer-te que pertence a tal partido, recebe várias coisas do partido e depois vai atrás de um outro partido. Ela sabe em que partido vai votar. (Ba-M48).

Os que ganham alguma coisa é que estão atrás da política, passam o dia nisso. Eu não tenho tempo para isso porque não ganho nada. Eu nem deveria ter votado para o Estado, não vejo vantagem nisso. (Dc-M42).

Refleti muito e cheguei à conclusão de que os políticos agem assim porque o povo é fraco. Quando não tens meios para combater alguma coisa, é só se conformar. A pessoa pode aceitar a situação, mas no fundo não se conforma, só que não pode manifestar-se. (Dc-M30).

Alguns sentem-se intimidados com os perigos de ir a uma manifestação política.

Temos medo, porque já aconteceu a pessoa ir a uma marcha e acabar por morrer, ou ferir-se. Se o meu filho quiser participar numa manifestação, vou dizer-lhe para esperar um momento oportuno. (Ba-H70).

Sabes o que se passou aqui nestes dias? Uma pessoa foi morta. Se sairmos para as ruas, ou as pessoas de Bissau saírem para as ruas, vão acabar com eles. Atirariam com força, sabes por quê? Aqueles que vestem as fardas são iguais a mim, não sabem ler. Se os políticos derem ordens vão atirar. Dominaram-nos através do medo. (Gi-H67).

Há preocupação pela dinâmica geopolítica que envolve a Guiné-Bissau.

Enquanto os países em volta estiverem a sugar-nos, não vão deixar os nossos governantes se unirem. Eles têm sempre os pés em cima dos nossos governantes. Os nossos governantes não mandam a cem por cento. Eles governam sempre com a opinião dos outros países. É por isso que o país não avança. (Bu-H77).

A CEDEAO diz uma coisa e os políticos fazem outra. Isso pode-nos trazer problemas. (Pr-M30).

Pobreza Persistente

O sofrimento do povo e o abandono pelo Estado promovem a indignação.

O que nos dificulta é a falta de água. Temos falta de água para beber. Temos hortas, mas não temos água. Isso chateia-nos. (Dc-M51).

Não temos poço de água. Tiramos a água da bolanha para beber. Quando vês uma pessoa magra como eu, pensas o quê? É trabalho! É o cansaço que nos deixa magras. Parece que não estamos a comer. (Gi-M40).

Uma pessoa trabalha até se cansar e o Estado não apoia as pessoas. O trabalho na bolanha é difícil. Já estamos cansadas, o nosso trabalho não é valorizado. (Dc-M40).

O Estado abandonou-nos. Num país sem escolas, sem uma saúde que funcione, como é que podemos dizer que aquele Estado olha para o seu povo? As estradas são péssimas, a educação não existe, não temos saúde, as crianças estão a morrer nos hospitais. (Pr-M24c).

Todas as tabancas nos arredores estão sem escolas. Quando vais a escola, dizem que estão sem aulas: “ah, hoje estamos em greve”. Essa é a nossa preocupação. (Dc-M27).

Estamos abandonados. Existem lugares aqui onde os carros não entram. Isso na região de Quinará, que libertou o país. (Bu-H77).

Na tabanca de nossa família não tem vias de acesso. As estradas não são boas, os carros vão para lá uma vez por semana. Temos um posto sanitário, mas quando precisas de evacuar uma pessoa para o hospital, é preferível levá-lo para Senegal. (Ba-H40).

Eu sou professor e fiquei 11 meses sem salário. Até hoje não pagaram. O salário é baixo. Um professor não consegue alimentar bem a sua família. (Bu-H35).

Acho que a Guiné está mal. Não temos sossego. Os funcionários não recebem salários, e quando recebem são baixos. Nós, as vendedeiras, não conseguimos vender nada. Parei de ir à feira. (Bu-M64).

O que está mal é a governação. Os nossos políticos estão a governar mal. Estou a falar isso porque não temos a Justiça. Não temos escola. Na lavoura ainda estamos a usar a mão. O governo não nos ajuda em nada. Não temos meios para levar as grávidas para o hospital. (Gi-H67).

Até parece que não somos filhos da Guiné. A sensação é de que não temos governo. (Gi-H65).

O Estado não faz nada pelo povo aqui na Guiné-Bissau. Cada uma luta pela sua sobrevivência. Cada um é que resolve o seu problema. (Si-M33b).

O Estado abandonou-nos há muito tempo, não é de hoje. Se não ajudarmos uns aos outros, não temos nada. (Ca-M42).

Já estamos a sentir os efeitos das mudanças climáticas, o calor chega a ser insuportável. Quando tivemos o golpe de Estado em 2012, houve corte abusiva de árvores e muitos enriqueceram-se às custas das nossas florestas. Não houve reflorestamento e ninguém foi responsabilizado. Sentimos os efeitos das mudanças climáticas: o aumento da temperatura e a falta de chuva. (An-H33).

Percepção de Fracasso

A frustração política estimula uma sensação de derrota.

A situação está muito má na Guiné-Bissau, quando damos um passo acabamos sempre por cair numa vala. (Ci-H45).

Não vejo nada de bom na Guiné-Bissau. Não temos boa saúde, nem a educação. Estamos estagnados. (Si-M33a).

Não existe lei neste país. Às vezes dá vergonha de ser guineense. Quarenta e tal anos desde a independência e ainda não desenvolvemos o país. É muito triste. Sentimos vergonha da Guiné-Bissau. (Ca-H56).

Desde a independência até aqui, o Estado não conseguiu preservar as infraestruturas deixadas pelos colonizadores. Nem conseguem construir coisas novas. Está tudo degradado. E isso demonstra que a população está abandonada pelo Estado. (Ci-H35).

A nossa estrada foi construída na época colonial, depois estragaram tudo. O que os portugueses dirão sobre nós? Vão dizer que somos macacos, porque eles constroem e nós destruimos. Os portugueses construíram só coisas bonitas e nós destruimos tudo. (Gi-H67).

Se os nossos políticos não conseguem entender-se, vamos fazer voltar ao poder tradicional. Não havia tudo isso na época dos nossos avôs. A questão de terra era resolvida pelos régulos. Não havia disputas entre as tabancas. Se não temos condições de cuidar de nós mesmos, vamos fazer voltar os portugueses. Será melhor entregar o país aos brancos, para gerirem. (Ca-H32).

Temos que entregar o país para as Nações Unidas, para ver se o país vai para a frente. Não temos nada de bom na Guiné-Bissau. (Ca-H73).

Perspectiva das Mulheres

A participação pública das mulheres é restringida por limitações históricas.

A primeira barreira que a mulher enfrenta é a própria família. Porque a desigualdade e diferença começa na família, e é por isso que a mulher fica sempre atrás. (Ci-M25).

Antigamente não foi dado à mulher o espaço para participar na sociedade. A mulher sempre é colocada atrás, não teve a oportunidade de ir à escola. A minha mãe é um exemplo, quando ela tentava ir à escola, o meu avô batia nela para voltar para casa. As coisas estão a mudar, mas ainda existe preconceito. (Pr-M24c).

Porque antes, e ainda hoje entre os muçulmanos, dizem que uma mulher que vai à escola, pode vir a recusar o casamento. (Bu-M64).

É por falta de escola. Os Fulas não colocam as meninas na escola. Existem pessoas aqui que nem sabem assinar os seus nomes. Eu mesma não sei assinar o meu nome. É culpa do governo. Digo que o Estado é o culpado desta situação porque é o Estado que não deixa as mulheres estudarem. Os teus pais podem querer colocar-te na escola, mas não têm condições para tal. O Estado deveria apoiar as meninas para estudarem. O Estado pode tomar medidas, criar as leis e fazer as leis funcionarem. As meninas têm os mesmos direitos que os meninos. As meninas têm condições de fazer tudo aquilo que os meninos fazem. (Dc-M30).

Não foi dada a oportunidade às mulheres de irem para escola. Então, existe uma disparidade. O que deixa os homens mais preparados, e falam mais da política. (Ba-H40).

Não tem como as mulheres se sentarem para falar da política. Só os homens é que falam da política, e eles ganham alguma coisa. A mulher trabalha para conseguir o que vestir e dar de comer aos filhos. Isso impede-te de te sentar para falar da política. Não vês o resultado. (Dc-M40).

Os homens têm mais tempo para discutir sobre a política, porque convenceram as mulheres de que o lugar delas é em casa. Os homens não nos deixam participar dos eventos políticos. Se um homem sair e voltar para casa e não encontrar a mulher, já é motivo para briga. (An-M28).

Os homens gostam de passar o tempo nas sedes dos partidos, e nós mulheres não temos esse tempo. Se começarmos a ir às sedes e passar o dia lá, vamos perder os nossos maridos, o casamento acaba. É por falta de tempo que as mulheres não participam ativamente na política. (An-M37).

Os homens não nos deixam estar junto deles. Deixam-nos aqui. Não temos conhecimento sobre a política. Não sabemos como se faz a política. Não sabemos como se entra na política. Só ficamos aqui à espera de orientação sobre em quem temos que votar. (Dc-M37).

Deixam as mulheres presas em casa e não as deixam participar de muitas coisas. Falam de direitos iguais, mas isso não existe. As mulheres ficam atrás em vários lugares, não recebem oportunidade. (Ci-M30).

Quando os partidos chegam aqui, as mulheres não participam. Eles falam bonito e depois não fazem nada. Damos mais atenção aos nossos trabalhos e deixamos a política com os homens. Há mulheres que estão decididas a não votar, porque não muda nada. (Ca-M43).

A mulher é capaz, ela é batalhadora. O que às vezes nos dificulta é o medo de errar. (Pr-M24d).

Sentimos complexo de falar perante os homens. (Ba-M48).

As mulheres já estão a mudar, mas ainda sentimos medo. Quando estamos num lugar com os homens, sentimos medo de falar, medo de tomar qualquer tipo de engajamento para resolver os problemas. Ficamos sentadas, com medo de cometer erros à frente dos homens. No Brasil chamavam a presidente de presidenta. Um dia também seremos chamadas assim, estamos a mostrar as nossas capacidades. (Ci-M31).

Herdamos essa diferença que existe na nossa sociedade. Mas não existe o que o homem é capaz de fazer que a mulher não consegue. Podemos mudar a nossa sociedade, mas é preciso mudar a mentalidade, a nossa maneira de pensar. (Ci-M46).

Há sinais e desejos de avanço quanto ao protagonismo das mulheres.

A mulher começou a frequentar a escola há bem pouco tempo. Antigamente a mulher não tinha direito de ir à escola. As mulheres não tinham acesso às informações, e quando não tens acesso à informação, não consegues participar de nada. Mas a situação já é diferente, apesar de ainda não estarmos no nível dos homens. Já temos uma maior participação das mulheres. Muitas mulheres estão a ir para escola, procuram informações, e já dão as suas opiniões. (Si-M33a).

As coisas já estão a mudar. A mulher já está a exigir os seus direitos. Hoje, a maioria dos estudantes nas universidades, escolas, e centros de formação são mulheres. (Pr-M24c).

Por questões culturais as mulheres não tinham acesso à escola, e a gravidez provocava e ainda provoca o abandono escolar. Mas atualmente as mulheres estão a atingir o mesmo nível dos homens. Se continuar assim, daqui a poucos anos teremos mulheres nos lugares de destaque, e quem sabe na presidência da República. (An-H33).

Antes o homem é quem tinha voz. A mulher não tinha voz. Mas agora as mulheres estão a reivindicar. Já estamos a conquistar os nossos direitos. No caso dos Mancanhas, a mulher já tem direito a herança. (Si-M33b).

No passado, não havia tantas mulheres nas escolas por questões culturais. Hoje já é diferente, quando vais a uma escola, vêes que o número das raparigas nas turmas é maior que os rapazes. Há um incentivo à participação das mulheres tanto na educação assim como na política. (Ci-H32).

Nos últimos anos as mulheres começaram a ocupar os seus espaços. As mulheres já se sentam nas bancadas para discutir a política. Eu e a minha amiga conversamos muito sobre política. Estamos a dar passos longos para chegarmos aonde os homens estão na política. (Pr-M24a).

Na visão dos homens grandes ...

Antigamente não existia a igualdade de direitos, mas hoje já existe. A mulher já pode herdar as terras do pai se for filha única, e se tiver um irmão, eles dividem todos os bens. As mulheres são iguais a nós homens. Elas trabalham mais que os homens. Elas acordam cedo e só trabalham, trabalham e trabalham. (Gi-H65).

Penso que a mulher e o homem devem estar em pé de igualdade. Para estarmos livres na Guiné, temos que entregar o poder nas mãos das mulheres, porque os homens já não conseguem guiar o país. Antes, quando eu recebia visita, mandava a minha mulher ficar no quintal. Mas agora já mudei de ideia. (Bu-H77).

As coisas estão a mudar, muitas raparigas estão a frequentar a escola. Não viram que no mundo a mulher já pilota aviões? Onde é que somos melhores que elas? Muitas pensam melhor que os homens. Os que estão à frente não estão a dar oportunidade para as mulheres caminharem. A falta de oportunidade é que dificulta as mulheres. Elas são iguais aos homens, e algumas são melhores que nós. (Gi-H67).

A Convivência numa Sociedade Heterogênea

As relações interétnicas e religiosas apresentam bases de coexistência pacífica.

O filho da Guiné não tem outra escolha, depois da independência somos um só, vêes um Mandinga a casar com Balanta, Fula a casar com Papel, Papel a casar com Balanta. A pessoa com quem te casas é tua família. Estamos misturados. Todos se identificam como guineenses, e identificam-se com os seus grupos étnicos. É essa diversidade cultural e étnica que é a riqueza da Guiné-Bissau. E o povo é hospitaleiro. (Ca-H32).

Aqui nos casamos uns com os outros. A minha mãe é Balanta e o meu pai é Djakanka. A mãe do meu pai é Bijagó e o pai dele é Djakanka. A mãe da minha mãe é Balanta e o pai dela é Mansoancá. A mãe do meu filho é Fula. Tenho filho com Fula e Manjaco. Não podemos ter problema entre as etnias, porque os nossos filhos pertencem a várias etnias, e é isso que tem-nos ajudado na Guiné-Bissau. (Ci.H46).

O povo da Guiné consegue conviver com os grupos de etnias, talvez porque o guineense tem uma particularidade de não menosprezar ninguém. Somos solidários. (Ci-H45).

Não temos conflitos religiosos. Temos mesquitas e igrejas um perto do outro. Aqui as pessoas professam as suas religiões sem interferências dos outros. (An-H33).

Temos religiões diferentes, mas adoramos o mesmo Deus. O problema está nos nossos governantes, eles é que complicam o país, mas entre nós não existe problema. (Ca-M42).

Aqui na Guiné escutamos uns aos outros. Tenho um grande amigo que é pastor, quando ele fala na rádio, eu sento-me para escutar o que ele vai dizer. Gosto de escutar as palavras dele. Sou muçulmano, mas vejo que as palavras do pastor ajudam muito. Nos outros países, os muçulmanos e cristãos se matam entre si. Na Guiné não temos isso. Amamos uns aos outros, só falta a verdade entre os governantes. (Ca-H73).

Há menos tolerância com relação à homossexualidade.

A nossa sociedade ainda não aceita a homossexualidade nem um pouco. (An-H33).

A homossexualidade não faz parte da nossa cultura. (An-M37).

Não temos leis que proíbem o casamento gay, e está a crescer o número de homossexuais na Guiné. Temos que aceitá-los, eu não posso excluí-los. (An-H26).

O Que Há de Bom na Guiné-Bissau?

As riquezas naturais do país.

Somos o país da biodiversidade. Temos muitas coisas a serem exploradas, que podem fazer o país crescer, como areia pesada e bauxite. Temos parques bonitos, turismo. Temos muitas coisas que podem atrair investimento estrangeiro. (Pr-M24b).

Sentimo-nos bem durante a campanha de castanha de caju, quando o preço da castanha é fixado. (Bi-H75).

Temos chuva e a castanha de caju para vender. Na nossa tabanca produzimos os nossos alimentos, e não pedimos favor a ninguém. Temos mais chuva do que Senegal. (Gi-H65).

As virtudes do povo guineense.

A parte positiva do guineense é como recebe os hóspedes. Nós somos unidos. Dividimos a comida entre nós, mesmo quando temos amêndoas, conseguimos dividir para todos. (Bu-H49).

O guineense é um povo pacífico, conformamos com tudo. A única coisa boa na Guiné-Bissau é a nossa população. É um povo pacífico que consegue lidar com todas as dificuldades. (Ba-M34).

O ponto positivo do país é a população. Do resto não vejo nada. (Ba-H70).

O que funciona na Guiné-Bissau é a convivência sem a política. (Pr-H23).

Temos paz social. A nossa instabilidade está no nível macro, não é aqui embaixo. Temos a nossa convivência social, tolerância entre as pessoas, entendemo-nos. Não temos um índice de criminalidade como em outros países. O mais perigoso é acabar com a paz social. (Ba-H55).

A cultura é a única coisa positiva que nos resta. Posso citar a dança de Kusundé, Broksa ou Tina, ou o Fanado. São essas atividades que unem todas as religiões e etnias. Quando temos *toca-tchur*, todos se solidarizam com a família que está a realizar a cerimónia. (An-H42).

Os guineenses gostam uns dos outros. Podem ser da mesma etnia ou não, basta a pessoa dizer que é guineense, acabou tudo. Defendem uns aos outros. Os senegaleses sentem inveja da nossa cultura. Não temos aquelas danças de pulos. A nossa dança é fina. Dançamos com respeito. Temos vários estilos de dança. Podemos dizer que a nossa cultura é muito forte. Somos melhores ainda na lavoura. (Bi-H55).

No meio rural, mulheres ressaltam o avanço da tecnologia moderna.

O telefone é a melhor coisa no nosso país. Antes não existia. Podes ter uma aflição, e podes ligar a sua família que está longe. A rádio também te informa do que se passa no país. (Dc-M42).

Hoje temos luz. As casas têm painéis solares, não há nada igual a isso. Antes era tudo escuro e a cobra mordida as pessoas à noite. Também há o carro. Poder ir de carro visitar a sua família, ou falar na rádio para toda a família te escutar, é bom, não é? (Dc-M27).

Conclusão

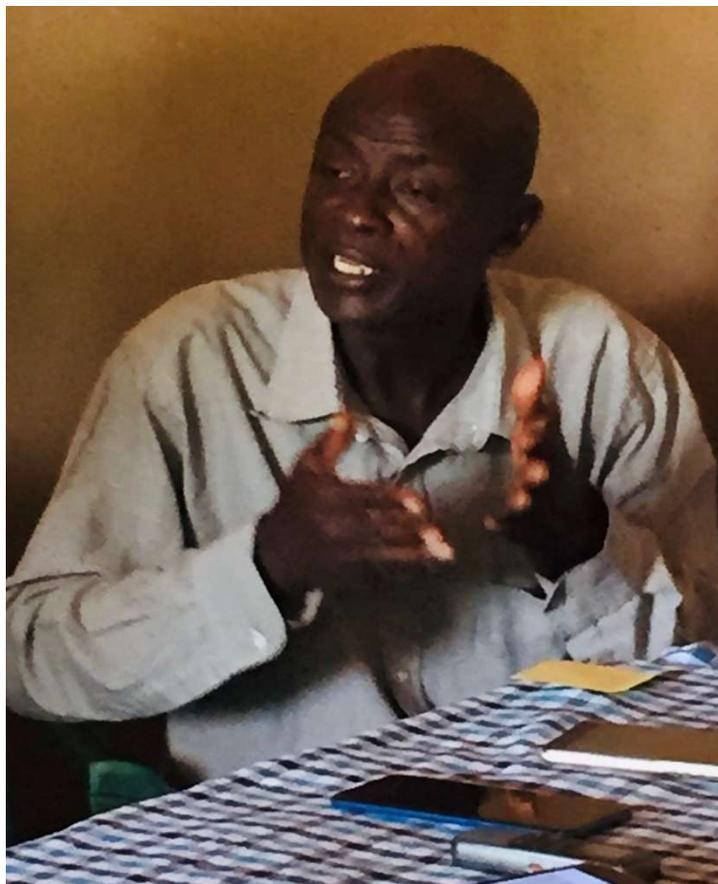
O estudo de grupos focais permite destacar várias observações sobre a Guiné-Bissau. Há uma lição, porém, que nos parece primordial: a urgência de cuidar da política guineense. A pacificação da vida política, através da recuperação do diálogo e a adoção de normas para coexistência democrática é fundamental para o desenvolvimento do país. É imperioso desenhar estratégias criativas – de curto, médio e longo prazos – orientadas para a melhoria da qualidade da sociedade política guineense, seus partidos, movimentos, líderes e quadros ativos. Isto sugere também a necessidade de apoiar a formação cívica e o engajamento popular na vida pública. A pesquisa revela-nos que há, em tudo isto, um grande potencial de trabalho com as mulheres.

A resolução do impasse político na Guiné-Bissau, e sua instabilidade crônica, é e será fundamental para o futuro desta nação.

Fotografias







Descritivo das Fotografias

Por ordem de apresentação

1. Grupo Focal em Demba Cali, região de Bafatá
2. Grupo Focal na Praça de Bissau
3. Participantes do Grupo Focal em Candjadja, região de Oio
4. Grupo Focal no bairro de Antula (Pabidjar), em Bissau
5. Participante do Grupo Focal em Candjadja

Créditos Fotográficos

Miguel Carter